

PRINCIPAIS PRODUTOS BÁSICOS (janeiro a junho)

PRODUTO	RECEITA (US\$ 1.000 FOB)		TONELAGEM	
	1982	1981	1982	1981
Café cru em grão.....	875.969	857.510	422.463	390.122
Farelo de soja.....	872.195	1.048.694	3.943.027	4.104.714
Fumo em folhas.....	296.395	229.008	89.094	84.309
Soja em grão	93.057	261.056	374.831	914.458
Açúcar demerara.....	91.330	226.742	315.975	521.375
Cacau em amêndoa cru	87.746	74.351	51.679	38.182
Carne bovina congelada, fresca ou refrigerada.....	97.071	42.935	47.309	14.300
Carne de gallo, frango e galinha congelada.....	154.252	166.394	145.950	133.326
TOTAL.....	2.568.015	2.906.690	5.390.328	6.200.786
VARIAÇÃO EM 1982	- US\$ 338.675		- 810.458 T	

PRINCIPAIS PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS DE ORIGEM AGROPECUÁRIA (jan / jun)

PRODUTO	RECEITA (US\$ 1.000 FOB)		TONELAGEM	
	1982	1981	1982	1981
Açúcar cristal.....	34.736	47.204	149.276	99.739
Açúcar refinado.....	109.998	223.089	383.451	411.299
Carne bovina industrializada	125.680	141.980	51.783	44.718
Suco de laranja.....	288.766	299.459	262.216	311.464
Óleo de soja em bruto	118.111	325.960	261.430	648.304
TOTAL.....	677.291	1.037.692	1.108.156	1.515.524
VARIAÇÃO EM 1982	- US\$ 360.401		- 407.368 T	

O pior ano para a soja

Em volume, as exportações do complexo soja (grão, farelo e óleo) diminuíram cerca de 1,09 milhão de toneladas, com uma baixa brutal na venda do grão — que passou de 914.458 mil toneladas no primeiro semestre de 1981 para 374.831 t no mesmo período deste ano — e do óleo, que caiu 648.304 para 261.430 t. Isso resultou numa perda de receita para o País de US\$ 552 milhões, causada também pela retração das cotações no mercado internacional. Esses resultados levaram os produtores a moderarem suas previsões de receita para este ano. Segundo seus cálculos, a soja e derivados não renderão mais de US\$ 2,3 bilhões — até junho, haviam sido vendidos US\$ 1,08 bilhão —, contra os US\$ 3,1 bilhões alcançados no ano passado, quando o produto liderou a pauta de exportações brasileiras de produtos primários.

As indústrias de óleo e farelo procuraram manter estoques, à espera de uma reação no mercado externo, que poderia ocorrer caso o dólar baixasse diante de outras moedas e houvesse uma queda nas taxas de juros. No final da safra brasileira, realmente, o dólar caiu um pouco, enquanto se iniciava um movimento de baixa de juros. Mas esses fenômenos coincidiram com o anúncio da nova safra norte-americana, superior em 5,6 milhões de toneladas às

previsões iniciais, gerando nova derrubada das cotações.

Os produtores do Paraná e Rio Grande do Sul, já afetados pela quebra na colheita deste ano, reclamam da perda de rentabilidade com a exportação de soja, que deverá traduzir-se em uma diminuição da área plantada na próxima safra. Os gaúchos, que no ano passado responderam por US\$ 1,5 bilhão das exportações do complexo soja, não esperam obter, este ano, mais de US\$ 800 milhões — até agora, venderam somente US\$ 500 milhões —, conforme as previsões do diretor comercial da Central de Cooperativas de Produtores Rurais do Rio Grande do Sul (Central-sul), Rubem Matte.

Segundo suas estimativas, o Rio Grande do Sul vendeu 240 mil t de soja em grão, a um preço médio inferior a US\$ 250 por tonelada, não se esperando qualquer outro negócio para este ano. Em óleo, já saíram 300 mil t, ao preço médio de US\$ 400 — pelo menos US\$ 100 abaixo do do ano passado —, devendo sair ainda mais 100 mil t, entre setembro e outubro. Na exportação de farelo estão, portanto, as últimas expectativas dos gaúchos de conseguirem US\$ 800 milhões com o complexo. Os preços médios beiraram os US\$ 190 e Matte afirma que ainda há 1,2 milhão de toneladas de farelo disponível para exportação até o final do ano.